

## Seminário Nacional CNTE: “A Internet e o sindicato de educadores”

### **Mesa 1 – A classe trabalhadora e a apropriação das novas tecnologias**

Juçara Maria Dutra Vieira

Bom, eu estava saudando as mulheres porque é a primeira reunião que eu tenho depois do dia 8 de março, então uma saudação especial às companheiras, pela nossa luta e aos companheiros também que são comprometidos com elas. Vou saudar a mesa, o Gilmar pela organização desse evento, também uma saudação especial ao Gumercindo. Eu acho que é muito importante nós termos também entre os nossos colaboradores, não só com experiência técnica, teórica, mas também com a experiência política, com a contribuição que o Gumercindo deu para a educação especialmente no debate sobre a LDB que acabou não sendo aprovada pelas razões que todos nós conhecemos. E eu organizei aqui um roteirinho pra minha fala e com alguns tópicos porque o tempo é bastante curto, mas espero poder ajudar nessa reflexão.

Primeiro trazendo um debate que está na nossa revista “Retratos de escola”, tem um texto interessante da professora Ivani Pino e também uma resenha sobre as tecnologias de informação e comunicação, lembrando que essas tecnologias surgem no contexto das transformações vivenciadas pelo setor produtivo, econômico, político, social, cultural, internacional. E que se constituem num instrumento pro desenvolvimento social e econômico da sociedade. E diferentemente do que o senso comum costuma dizer que nós estamos na sociedade da informação, que essa sociedade da informação também representa o fim das ideologias, essa racionalidade técnica que despolitiza as análises; nós temos que considerar as TICS, como uma produção científica, uma produção da organização da vida social, de campos voltados pra ação criadora do homem. Eu acho que desmistificar essa ideia de que as tecnologias são apenas, como o nome diz, tecnologias e que elas vieram pra substituir uma visão de mundo que é uma visão humanizadora e que coloca também no debate, por exemplo, se o conhecimento é uma construção coletiva ou é uma propriedade privada de que alguns podem se apropriar e fazer dela também uma mercadoria, também vender os seus serviços, utilizando conhecimento.

Então, eu acho que essas reflexões são importantes que nós façamos aqui no nosso seminário: se os recursos tecnológicos são potencializadores da ação criativa ou

se são apenas massificadores das informações; se com as novas tecnologias, as identidades culturais correm risco de extinção, ou ganham possibilidade de intercâmbio; se os valores que nós construímos e as diversas culturas construíram diferentemente nos tempos históricos, eles vão se desagregar, pela tecnologia, pela utilização dessa tecnologia, ou se vai ser possível novas construções em termos desses valores. Então acho que nós temos alguns pressupostos pra discutir as tecnologias de informação e comunicação. Porque todos nós, todas nós, reconhecemos que vieram para ficar, que nós não vamos mais poder pensar um mundo sem a internet, pensar o mundo sem o telefone celular, pensar o mundo sem o computador, que é o notebook, que na verdade significava caderno, então é agora o caderno tecnológico é o computador. Então como são tecnologias que vieram pra ficar, na nossa opinião, elas devem se constituir também ferramentas criativas, criadoras e a serviço do nosso projeto, não apenas ferramentas da tecnologia que ajudam a desconstituir a discussão política, a discussão ideológica e a discussão sociológica.

Entrando na questão da formação sindical e do uso dessas ferramentas, especialmente da internet, também levanto algumas questões que eu acho que são importantes pra nossa análise. Primeiro: a formação sindical é teórica e prática, que ela realmente é ao mesmo tempo teórica e prática porque a teoria sozinha é vazia e a prática sem se alimentar da teoria também acaba sendo esvaziada. Não como no sentido da contradição, mas no sentido complementar. A formação sindical tem uma característica – Gilmar mostrava aqui no seu roteiro – de ser permanente, ela é permanente, mas ela não pode estar desvinculada da conjuntura, por isso nós iniciamos quase sempre as nossas atividades com uma análise da conjuntura. Ela abrange sujeitos, convivências e experiências diferenciadas, alguns que estão entrando, outros que estão saindo, outros que estão na metade do caminho. Não sei se vocês conseguiram ver aquele filme com o Brad Pitt que é “O estranho caso de Benjamin Button”, onde ele nasce velho e morre bebê, e no meio do caminho ele encontra seu grande amor, então isso passou uma mensagem muito interessante, do sentido, da possibilidade de encontro com percursos diferentes, um estava no caminho de ida, outro estava no caminho de volta. Então acho que isso deve ser muito considerado no movimento, porque nós felizmente vamos ser sempre assim, porque seria muito triste se apenas a nossa geração fizesse mobilização. Tem que vir a outra geração pra se somar e pra nos substituir, mas essa diferença de experiências que faz com que – aquilo que o Gilmar falou – que alguns se cansem, se irritem e saiam da sala, isso tem que ser considerado porque o processo de formação é

um processo de acúmulo e de acúmulo coletivo, então ninguém está dispensado desse processo, porque tem um pouco mais de vivência ou porque recém está se integrando. A formação sindical forma individualmente mas para ação coletiva, na verdade quando a gente se forma, a gente vai se enriquecendo, mas não teria nenhum sentido se o objetivo não fosse a ação coletiva, mas ela representa investimentos, e custos elevados e permanentes como bem registrou aqui o Leão, que tem que haver essa necessidade desse investimento permanente. Acho que essas características nos desafiam a pensar a formação e as formas da formação – com a desculpa da redundância – que nós tradicionalmente utilizamos: são as escolas, a Central Única dos Trabalhadores, os cursos, os encontros, os seminários, os recursos bibliográficos, os usos das tecnologias de informação que incluem a internet e o cotidiano do movimento. Então não fazemos nada separadamente e ao pensarmos na internet, temos que pensar na internet nesse contexto da nossa vivência de formação que se dá em múltiplos espaços, alguns mais sistematizados, outros menos. E o que nós não podemos prescindir são dos espaços sistematizados, senão todos espaços nos ajudam, nós sempre vamos aprendendo mas nós não conseguimos ter uma política de formação se nós apenas utilizarmos os espaços assistemáticos da informação, por isso a formação tem que ser permanente e tem que ser sistemática.

As potencialidades da internet, eu vou falar mais ou menos o óbvio, mas acho importante que a gente reitere isso. O que significa internet? Net em inglês significa rede; a internet é uma comunicação em rede e a gente viu a importância das redes nas primeiras edições do fórum social mundial: como as pessoas com as lutas mais diferenciadas, mas sempre com algo em comum, conseguiram se articular de uma forma horizontal, porque é uma outra coisa que caracteriza a rede. A rede – pelo menos em tese - possibilita essa relação horizontal: eu estou em algum ponto da rede e eu posso interagir nessa rede, eu não sou apenas receptadora dessa rede, eu também sou um sujeito dentro dessa rede, sem uma hierarquia, eu recebo e eu devolvo com o mesmo grau de protagonismo nesse processo. Então isso que isso é algo importantíssimo e acho que por isso que o Leão destacou, porque que nós não aproveitamos bem essa possibilidade, essa ferramenta que o capital sabe usar muito bem. As tecnologias também são resultado do conhecimento, do mundo do trabalho, mas elas são também um imperativo do próprio capitalismo. O capitalismo também precisa das suas ferramentas, vejam que a mudança dos padrões econômicos: do capital produtivo pro capital especulativo, tem muito a ver com as possibilidades técnicas trazidas pela

internet, deslocar milhões de dólares, de euros, de reais, de forma online mudou também completamente a questão do acúmulo do capital com evidentemente os riscos que eles correram, que estão aí presentes nessa crise, que também se inventou dinheiro que não existia e esse dinheiro agora desapareceu de uma hora pra outra, criando essa crise que repercute sobre a classe trabalhadora, porque repercute sobre qualidade de vida, repercute sobre uma série de questões que não vem ao caso aqui analisar, mas que está presente aqui nas nossas preocupações com certeza.

Então, acho que essa relação horizontal, que pode ser uma relação de troca, que pode ser uma relação de socialização, acho que tem que estar presente nas nossas preocupações aqui com a formação. E não é à toa por exemplo que a gente consegue – aproveitando também que estamos ainda no mês do dia internacional da mulher – por exemplo, ter uma companheira que está sendo apedrejada lá num outro continente e nós podemos ser solidários. Antes da internet quando a notícia chegasse as coisas já teriam acontecido. Então eu acho que essa relação de socialização é o que a gente deve tentar potencializar muito na nossa formação. Acho que um outro dado tem a ver com a rapidez e o alcance das tecnologias, praticamente instantâneos: na hora que nós estamos aqui falando é possível que alguém esteja mandando um e-mail pra alguém ou recebendo, e está socializando algumas informações. E uma outra questão que eu acho que é fundamental, é a questão da amplitude temática, que nós somos da área da educação que precisamos estar investigando, que precisamos estar lendo procurando bibliografia, há alguns anos, era muito difícil, ou você ia numa biblioteca ou tinha a sua própria biblioteca – o que era também mais difícil, porque nosso poder aquisitivo muitas vezes não nos permitia de ter uma grande biblioteca – e tinha temas que você tinha uma grande dificuldade de encontrar fontes. Hoje você vai lá num provedor e acessa, e quero saber o que que existe a respeito de tal coisa e você tem as informações disponíveis. Evidentemente que isso também nos traz o desafio de ter uma grande capacidade seletiva, porque tem muito lixo também aí depositado na internet, mas amplitude temática ela é importantíssima, fundamental e significa que grupos, pessoas, pensadores também colocaram à disposição da humanidade aquilo que é a sua produção e que faz parte da ideia de projeto de sociedade que nós temos.

Nesses cinco minutos que eu tenho, quero também chamar a atenção sobre os limites dessa ferramenta; um deles o despendio de tempo e a necessidade de ter método de trabalho, porque hoje ou você destina um tempo pra ver os seus correios eletrônicos, seja na primeira hora da manhã ou seja na última hora da noite, durante o dia quando

pode é como se tivesse a sua caixa correio abarrotada; nos tempos que você recebia a carta manuscrita, então você precisa realmente ter tempo pra responder o e-mail.

Então você fazer formação também utilizando a internet: é necessária a destinação de um tempo e é necessário também ter uma metodologia de trabalho. Exige coordenação e acompanhamento porque no espontaneísmo nós também não chegamos aos resultados que nós esperamos, então essa é uma necessidade. E por último tem o caráter complementar que não substitui outras formas de formação, to aqui usando da redundância, mas é isso; não substitui as outras formas que o Leão também chamava atenção aqui da necessidade dos nossos encontros presenciais, das nossas seções presenciais pra essa troca e pra esse enriquecimento. Eu vou concluir também fazendo um comercial, eu fiz também um roteiro, não fiz um texto, mas quero por esse resumo hoje mesmo no meu blog, então se alguém estiver interessado nesses itens também pode acessar. É [www.falaeducador.com.br](http://www.falaeducador.com.br) foi um privilégio ter participado aqui dessa mesa, agradeço o convite feito pelo Gilmar e mesmo trazendo apenas uns tópicos, não uma fala de mais fôlego e consistência, espero que isso possa contribuir pra continuidade do nosso debate. Obrigada

Marta Regina Domingues

A gente sempre acha que o tempo é curto e esse assunto é tão extenso, tão complexo que eu sempre saio com a impressão que faltou um pouco de tempo. Vou tentar fazer uma síntese aqui de alguns aspectos.

Bom, nós estamos aqui pra tentar refletir um pouco junto com vocês pela manhã: a internet e o sindicato dos educadores e especialmente a questão da formação política.

Eu acho que tem uma questão importante pra todos nós aqui: nós estamos vivendo um processo de mudança, de transição. A gente fala da globalização – faz parte também – e da financiamento da economia, da bolha, da crise, isso tudo faz parte dessa transição; mas tem uma transição que aponta para um futuro diferente e que tem um aspecto importante para a formação sindical, que é a constituição de uma nova cultura da sociedade.

A constituição dessa nova cultura que está apontando tende a nos distanciar – nós que nascemos antes dessa nova geração – de uma forma de convivência, de uma forma de relação social que será diferente. Será diferente e tem uma questão crucial para nós que somos sindicalistas: tentar enxergar que papel termos nessa cultura que será diferente. Como eu vou poder intervir nos rumos dessa nova sociedade que está se

anunciando? Quando eu digo nova sociedade é porque ela terá novos códigos culturais. Quem é que está; ou como eu estou – eu, sindicalista – e nossas entidades, como é que nós vamos contribuir; ou como nós vamos disputar aos corações e as mentes da nova geração nas direções sindicais? Porque as formas de disputar, os espaços para disputar um projeto ideológico estão mudando. Eu acho que isso é fundamental quando a gente olha para o futuro. Como é que nós queremos continuar nosso projeto político ideológico para o futuro?

Na nossa casa a gente tem os nossos filhos, a nova geração está lá. Eles ficam horas no computador jogando joguinhos; os adolescentes vendo filmes pornô quando a gente não está olhando, então dá de tudo na Internet. Como é que nós estamos nos apropriando e não nos apropriando disso? Quando eu digo nos apropriando, não necessariamente no sentido epistemológico, científico, estudando. Será que a gente tem coragem mesmo de sentar na frente do computador e jogar um jogo babaca, um jogo bobo? Para sentir o que agrada tanto aquela criança, aquele adolescente, que bobo, né?! Os Nerds; o que será que é isso? Tem um aspecto lúdico que nos é desconhecido que eu creio que é a porta de entrada mais prazerosa de contato com essas novas tecnologias. Nós temos coragem de fazer isso?

Fala-se muito que a criança aprende porque ela não tem medo de errar, porque ela não tem medo, por que ela desconhece o erro. Eu acho que a criança aprende porque ela gosta de ser feliz. Ela sabe as fontes de prazer da vida; e a gente só pensa em trabalhar, a gente só pensa em nos dedicar a alguma coisa e não quer mais perder tempo nos pequenos prazeres: jogar um jogo bobo, olhar uma coisa bonita na Internet, procurar um filme, um vídeo, ouvir uma música, ouvir uma piadinha; isso é perda de tempo! Isto nós consideramos perda de tempo, porque nós somos muito sérios, temos muitos compromissos históricos, ideológicos; nós não temos tempo a perder com pequenos prazeres que estão formando uma nova geração e da qual nós estamos nos distanciando. Então eu creio que é necessário mudar de perspectiva: como é que eu estarei junto das pessoas novas, como é possível me aproximar dessa nova sociedade que está nascendo? Isso do ponto de vista de uma perspectiva individual é bastante interessante e a gente tem que se permitir conhecer o novo.

Bem, eu acredito que nós estamos num momento, que deve se estender por algumas décadas, mas que já apresenta sinais muito claros na literatura que está sendo produzida, no mercado educacional que existe, no mercado de educação a distância privado internacional que tem uma inserção nos países da América Latina, no Brasil

especialmente muito forte; e que não tem nada a ver com a nossa concepção de educação libertária. Tem um campo de disputa muito claro já, conformado, que é a disputa de projeto político pedagógico educacional e que se nós não soubermos como esse campo se constituiu, como ele funciona, para onde ele vai, quais são os princípios que regem esse mercado; nós não teremos condições de conversar com isso, muito menos de fazer a crítica e de propor alternativas. Então, tem um campo importante de disputa que é este.

Tem outro campo de disputa que é de um projeto de sociedade, maior evidentemente, não está restrito às tecnologias da informação e comunicação, mas que tem uma incidência hoje muito forte que é o campo de disputa sobre qual é a sociedade que nós queremos construir efetivamente com a nova geração. Um pouco isso o que o Leão e a Juçara falaram. Ou seja, como é que nós vamos atuar nesse novo ambiente societário que são as novas tecnologias da informação; para aprofundar ou garantir a democratização da sociedade? Porque isso está vinculado ao nosso projeto político de sociedade, ao nosso projeto político de ocupação de espaços de poder e está vinculado ao nosso projeto político-educacional. Percebem? As coisas não mudaram, elas continuam todas relacionadas... Mas hoje elas estão relacionadas em outros espaços, que não são os tradicionais. E, metaforicamente, nós temos que vestir o capacete e ir para a Lua, não tem jeito, pois deve haver um lugar hoje em que se faz um debate às vezes não explícito, muito importante, que não é mais o nosso planeta. É em algum outro lugar; então nós temos que vestir o capacete, fazer um curso para poder ir à Lua. É isso, vamos para a Lua, não tem problema nenhum, continuaremos a disputa no grande outro universo paralelo que está se tornando a Internet.

Falamos muito da Internet porque ela é a grande novidade tecnológica, se podemos dizer assim, historicamente. Por que ela é a grande novidade? Porque ela consegue, cada vez mais, aliar praticamente todas as formas de expressão, ela alia a forma de expressão escrita, a falada, visual, auditiva, ela é a sétima arte no computador; na verdade ela é a oitava arte. Por que é possível você aliar todas as formas de linguagem num ambiente único. Isso é uma coisa tão poderosa, que se pode veicular ideias de uma forma que antes era inimaginável, para acesso do mundo todo.

Dentro desse campo de disputa educacional, o que eu tenho percebido? Eu estou trabalhando com isso já há alguns anos, fiz um curso de especialização o ano passado... Eu tenho percebido que não mudou muita coisa, fala-se muito aquilo que não é para fazer, como não se deve mais pra ser. Então o professor não pode ser mais como ele

sempre foi: professor tem que ser flexível, não pode dar mais aula com giz porque o giz já vai acabar; a militância política não pode mais ser rígida, as estruturas de poder mudaram, a verticalização de poder acabou; o que é uma falácia: a verticalização de poder não acabou?! Uma série de coisas... Tudo o que não pode. Agora, o que pode e como fazer, a gente acha muito pouco na literatura. Como fazer, quando a gente acha, é com uma linguagem tão diferente do que nós estamos acostumados que ninguém tem paciência para aquilo.

Então nós temos uma coisa nova, e que tem a ver com a nossa ação sindical e com a nossa profissão de educadores, que é o encontro nem sempre tranquilo entre pelo menos três áreas: a educacional, a tecnológica e a comunicacional. E essas três áreas nem sempre conseguem dialogar e quando estão juntas os papéis se confundem.

Nós temos hoje novas possibilidades, nós temos algumas ferramentas na Internet, alguns softwares, especialmente na plataforma livre, (acho que o Gumercindo vai falar um pouco mais disso hoje à tarde, mas é só pra situar o debate que eu quero fazer com vocês): que nos permitem ter uma atuação bastante importante pra fazer a diferença. Eu tenho a convicção de que se nós queremos entrar numa área que nós não estamos muito apropriados e consideramos importante é para fazer a diferença. Isso nos coloca uma responsabilidade. Nós temos várias ferramentas hoje: temos o Moodle, um programa, um dos melhores, um dos mais interativos que existe para a educação a distância. Estamos iniciando uma experiência nova na CUT com esse sistema. Nós temos os Podcasts, que são as rádios web, para as quais nós podemos fornecer conteúdo, disponibilizar conteúdo para as pessoas. Nós temos as conferências online, com as quais podemos dialogar no coletivo.

Quer dizer, ferramentas para utilizar existem, das mais simples às mais sofisticadas. Agora, quais são os requisitos para este uso? Educação a distância e formação a distância não são baratas, elas tem um custo financeiro. Também não é fácil e não é algo assim *au-passant*; não é algo que não te exija disciplina, dedicação e assim por diante. Então, existem os requisitos tecnológicos, técnicos: o servidor, o computador, etc. Além da estrutura, tem que haver pessoal qualificado.

Da mesma forma que a gente se irrita, todos nós; a gente se irrita um pouco quando as pessoas querem assumir o papel de educadoras e elas não são; não porque elas não podem ser, mas porque não se preparam pra ser. Da mesma forma a gente também tem que tentar não trabalhar de uma forma amadorística, já que existem

peessoas que se prepararam para aquilo. O que não quer dizer que as especialidades não tenham que conversar e trabalhar juntas.

Eu tenho uma avaliação bastante otimista da legislação de educação a distância no Brasil. Acho que ela é uma boa legislação, cautelosa, responsável. Quando o governo propôs que existissem pólos presenciais, amarrando os pólos presenciais com educação a distância, acho que foi um passo importante. Isso é muito criticado, principalmente pelo mercado privado. Eu acho que a legislação brasileira, como ela existe hoje, é uma legislação responsável, e que pode ser alterada e melhorada.

O grande sonho de uma área do mercado privado é estender a educação a distância em tempo integral para o ensino médio, esse é o grande filão para o qual estão olhando, já há alguns anos. São Paulo já abriu as portas, tem toda uma pressão do ensino privado para entrar com a educação a distância no ensino médio e eles não querem só o ensino médio de jovens e adultos não, eles querem o ensino médio todo. Eu acho que nós temos que ter cuidado, temos que ter cuidado. A formação a distância pode ser feita com crianças até... Não tem limites, eu não tenho esse preconceito: “não pode”. Pode; só que não pode ser a única coisa, não pode ser a maioria do tempo, você não vai botar uma criança para se educar pela Internet se ela não tem nenhum suporte. Essas coisas têm que ter limite e nós temos que uma responsabilidade num momento histórico de transição.

Se a gente olhar na Internet, temos bases de dados hoje que são preciosíssimas; do MEC – temos muita coisa importante lá – tem a SCIELO que é uma revista eletrônica fantástica, tem a plataforma LATTES. E aí, como é que nós entramos nesse mundo? Com responsabilidade, com seriedade para virar referência social. Quando a CNTE disponibiliza conteúdo na Internet dos seus programas, dos fascículos, tenho certeza que o fez com o maior rigor, com o maior cuidado, porque nos expõe publicamente, nos dá uma identidade. Isso é uma questão importante.

A CUT desenvolveu nos últimos anos, entre 2005 e 2007, uma parceria inclusive a Estudo, Estratégia e Informação, com o Gumercindo Milhomen e que foi uma primeira experiência bastante interessante, no sistema TelEduc, para educação a distância num projeto especial de qualificação em três áreas: Negociação e Contratação Coletiva, Gestão de Políticas Públicas e nós desenvolvemos um outro também na área de Economia Solidária. O que ficou desse aprendizado, dessa primeira experiência? Para nós, do movimento sindical, especialmente: primeiro, que não é um problema só do curso a distância. A formação sindical é muito falada, muito exaltada pelos

dirigentes, ela é publicamente valorizada, está em todos os discursos, mas ela tem pouco apelo na prática. O que eu quero dizer com isso? Que todos acham fundamental, estratégico. A formação estratégica é fundamental, só que não existe nenhuma política de gestão para dar suporte aos dirigentes que vão fazer formação: você vai fazer formação, aí você se vira. Quando a gente fala da EAD fica pior. Não existe uma gestão política estratégica sobre quais são os dirigentes em que deveríamos investir e qualificar; para que a política de formação que está vinculada ao projeto estratégico da CUT tenha uma continuidade mais estruturada.

Na EAD é pior, por que a pessoa em curso se vira sozinha, não tem agenda, nunca tem agenda pra pessoas fazer atividades de formação, se ela quiser fazer, ela vai fazer quando encontrar tempo, à meia-noite, sábado e domingo, em qualquer horário que não seja aquele em que ela deve demonstrar que é um dirigente atuante. Porque como o espaço da internet, da educação a distância não é um espaço físico público, esse problema piora. Ele é público apenas para aquele grupo, mas não como ali no momento em que a pessoa está no local de trabalho, ou no sindicato.

A questão da disciplina: estudar a distância, eu acho que o termo é esse mesmo: estudar a distância, participar de um curso de educação a distância exige disciplina. Exige isso que chamamos estudar. Tem que ler, que refletir, tem que escrever, não é? E quando você escreve na Internet aquilo fica registrado. Então, não posso ficar escrevendo um monte de bobagens. Eu vou olhar meu texto melhor pra ver se não tem nenhum erro de português, se faz sentido... Assim, você é colocado num ambiente muito diferente daquele que está acostumado.

E nos sindicatos, nas entidades, não existe um suporte, às vezes a pessoa não tem nem o computador para participar da formação e aí gente, o que se exige? Se exige que a pessoa participe sem condição nenhuma, sem tempo nenhum, sem suporte dos colegas lá na direção e tudo mais; e depois mostre resultados. E quando tem avaliação dos processos: “Ah, porque será que não deu certo?” “Ah, porque será que teve esse problema?” “Porque será?”

Porque o problema é sempre o outro e sempre individual, é quem fez. Então, tem um problema cultural no nosso movimento sindical, podemos ver aí várias causas, mas que é importante que a gente mude de postura. Nós temos que mudar um pouco a nossa postura e definir estratégias muito claras com formação, definir quem são as pessoas que vão ser formadas dentro dessas estratégias. Dar as condições políticas e quando eu digo políticas é de não ficar queimando o companheiro porque ele está duas horas, três

horas fazendo o seu curso e não está na porta da empresa, não está atendendo telefone. É necessário dar suporte político para essas pessoas participarem e também na medida do possível, suporte estrutural.

Tem uma questão importante, eu acho sempre muito complicado e no setor da educação é mais complicado ainda fazer formação. Nesse setor é especialmente complicado fazer formação. Por quê? Porque nós cheios de dedos: o professor está na sala de aula, ele tem autonomia no desempenho da sua profissão... é isso que a gente defende. É uma autonomia pra você ser educador, pra você educar. Isso acarreta certo mal estar e os educadores não se educam entre si, não é? Então fica mais ou menos assim: eu não vou dizer pra aquele fulano como ele deve fazer isso, como ele deve fazer aquilo, porque ele é educador, ele tem tanta autonomia quanto eu. Isso é um problema, isso é uma dificuldade, porque de tudo aquilo que a Internet pode propiciar de bom pra nossa ação política formativa, uma das melhores coisas é a construção coletiva do conhecimento. Existe possibilidade concreta de isso acontecer; mas para que isso aconteça, nós temos que ir pra esse lugar imaginário, lá na Lua, abertos, flexíveis, sem medo de errar. Isso é muito difícil para nós, nós educadores. É difícil para gente entrar na sala de aula sem estar preparado, sem ter uma opinião formada e quase cristalizada, então exige um pouco mais de abertura, de flexibilidade da nossa parte; e ensinar aos outros a serem flexíveis também. Isso é um processo.

Por fim, eu acho que existem alguns riscos, não riscos, existe um certo estranhamento. Eu acredito que nós vamos começar a perceber isso daqui a alguns anos, mas vejam bem: quando você participa de um processo que não é hierarquizado, que é em rede como a Juçara falou; você tem que ter uma clareza, uma estratégia, um planejamento, uma avaliação do seu processo muito bem feito. Por quê? Um dos riscos, por exemplo, tem um sentimento de que você perdeu a importância relativa, porque não é você que pauta todos os assuntos, não é a entidade que pauta todos os assuntos, não é a entidade que pauta os conflitos. Às vezes você é pautado por conflitos que você não esperava. Um requisito importante é esse rigor: planejar, acompanhar, ter categorias de avaliação, fazer análise, socializar. Porque você acaba sentindo: “Bom, onde é que eu estou? Estou meio perdido nesse mundo aqui nesse mar de informações e ideias”. As ideias estão todas lá pra serem debatidas, discutidas o tempo todo.

Existe outro risco na Internet que é muito analisado, na educação a distância especialmente, que é a questão do amadorismo, em que se aceitam elaborações superficiais em nome de uma possibilidade de participação. Hoje temos o WIKI, você

pode construir texto coletivo nele, nós aqui temos um grupo de cinco pessoas, podemos construir juntos escrevendo um texto coletivo pela internet. Isso coloca em xeque a autoria, é uma coisa que também tem que ser discutida: “Quem é o autor daquele texto; são os cinco?” Quem é o autor da Wikipédia? Não tem o autor, são milhares de autores. Então, se você tem essa possibilidade, você tem também um risco de em nome de uma participação, uma interação, de cair no amadorismo, cair na superficialidade. Aceitam-se coisas mais ou menos, mas a pessoa está participando, então em nome disso você aceita coisas que você não aceitaria em outras circunstâncias, como educador, como tutor. Então isso é uma coisa que salta aos olhos da gente.

Eu acho que já falei demais. Eu vou encerrar por aqui; depois debatemos um pouquinho mais. Quero dizer que é um prazer para nós da CUT, da Secretaria Nacional de Formação em especial, participar desse tipo de atividade, especialmente com esse segmento. Acredito que podemos crescer muito juntos, trocar muitas experiências. A vida é muito dinâmica, a gente entra num projeto, acaba o projeto, vai fazer outra coisa, nossa vida é muito dinâmica, mas nós estamos à disposição pra compartilhar junto com vocês e aprender também com vocês. Obrigada.

Júlio César Martins Viana

Companheiros e companheiras, Leão, Juçara, Marta, me permitam ficar de pé, que eu não sei mesmo, não sei falar sentado, não sai, não tem jeito. Me permitam ficar de pé. Bom, companheiros e companheiras: primeiro dizer da satisfação de estar aqui dialogando em torno desse projeto de formação no qual nós de Mato Grosso, do SINTEP temos uma contribuição e depositávamos e ainda depositamos muitas esperanças nele, tendo em vista o que a gente se propunha com esse projeto originalmente construído na nossa entidade, acolhido e desenvolvido hoje pela CNTE e ver aqui a avaliação apresentada pelo Gilmar, nos dá muita satisfação.

A gente procura amar toda criança, mas aquela a qual de uma certa forma a gente tem uma contribuição na geração dela, ela é bonita de qualquer jeito e mais bela ainda quando a gente vê os resultados, como a gente vê aqui.

O projeto de formação pra nós, vou começar um pouco por aí, não nasceu por acaso. Ele nasceu numa perspectiva racional, quer dizer a gente tinha uma razão pra que a gente pensasse um projeto de formação e tinha uma finalidade. Quer dizer tinha um problema e uma perspectiva de superação um porquê e um pra que. Nós estamos nesse momento, não discutinho o porquê e o pra que, eu acho que isso já está bastante claro

pra nós, mas o como. E como que são os meios que a gente vai utilizar: há uma infinidade de alternativas. E quando eu falo em alternativas, dá-se do ponto de vista daquilo que a gente tem governabilidade. Nada que a gente não tenha governabilidade não é uma alternativa. Obviamente a gente está buscando construir uma nova alternativa e a primeira questão que eu gostaria de colocar é que na inclusão das tecnologias de informação e comunicação, o primeiro problema que nós temos a de que ela não se manifesta efetivamente como alternativa por que nós não desconhecemos os potenciais que a gente tem, então o primeiro desafio que eu coloco, Gilmar e companheiros aqui é quais são os potenciais, quais são os meios efetivamente que nós dispomos dentro da tecnologia de informação e comunicação pra que a gente possa lançar mão deles nesse processo, nessa perspectiva, com essa motivação e finalidade que a gente tem. Nós conhecemos muito pouco. Eu diria, eu sempre falo isso, que nós participamos de um processo de computadorização e não de um processo de informatização. O computador ainda é uma máquina de escrever mais eficiente do que a antiga máquina que a gente datilografava, pois hoje nós digitamos. Então ele é muito mais usado como uma máquina de escrever nos dias de hoje, do que mesmo como um instrumento de sistematização da informação, porque o que nós conhecemos desse processo, digo nós, eu inclusive, como a maioria ainda não chega nem a reconhecermos a ponta do iceberg. Nós não conseguimos ainda perceber ainda o que está pra fora d'água, que dirá o que está submerso.

Então, eu diria que companheiros como o Gumercindo e muitos outros que já se aprofundaram mais no potencial, tem uma contribuição efetiva, que é desvelar os potenciais que estão colocados aí. Por que só reconhecendo esse potencial é que a gente vai poder de fato buscar se utilizar disso, como disse aqui o Leão, “só escrevendo e enviando e-mail” é pouco pra o que a gente precisa do potencial desse instrumento, que são as tecnologias de informação e comunicação.

Bom, isso pra mim, pensar no processo de tecnologia de informação e comunicação, a gente tem que pensar numa perspectiva de sistematização do que a gente já tem produzido. Nós temos muita coisa produzida, mas eu não sei por exemplo, o que está produzido no Paraná, não sei o que está produzido do Tocantins, não sei o que está produzido, o que está sendo produzido nesse momento no Mato Grosso do Sul. Então a primeira coisa que nós temos que pensar, é de que esse é um instrumento pra sistematização e socialização da informação. Então nós precisamos pensar nos chamados bancos de dados, nas redes. E pode ser um grande instrumento de

sistematização, pra socialização das informações, daquilo que está sendo produzido. Por exemplo, eu penso que a presença da CNTE na internet não pode ser através de um site, ela teria que ser através de um portal. Hoje se eu quiser saber a informação de cada uma das nossas entidades filiadas, eu vou ter que sair buscando o link de uma em uma pra poder das 27, e se a gente for entrar no município das dezenas de centenas, pra saber o que que está ocorrendo, então a primeira coisa que eu gostaria de sugerir desse processo: a minha perspectiva é bastante pragmática, eu vim aqui pra trazer uma opinião e sugestão que pode ser relevante ou não, mas é o que eu penso nesse momento, mas é de que a CNTE tem que transformação a sua apresentação dentro da internet não mais com site, mas no portal. Um portal capaz de agregar, de sistematizar e socializar tudo isso que nós estamos fazendo hoje, da mesma forma que eu acho Gilmar, que nós temos que ter um portal num contexto de Mato Grosso, mas que isso é a primeira questão colocada aí.

Ora, a gente fala na dificuldade do custo de um provedor. Quanto custa manter um provedor hoje? Primeiro, o que é um provedor? Provedor é uma máquina, onde você tem um servidor, ele opera como um servidor e um roteador, isso a gente tem em mãos no sindicato. A maioria de nós, eu tenho um roteador lá no sindicato pra distribuir as diversas conexões que a gente tem internamente. Um roteador um pouco maior que vai fazer de forma..., claro que eu estou simplificando, mas a gente fala que ter um provedor e justamente por ter esse conhecimento como se fosse algo supra real. Minha gente, porque não termos um provedor da educação, gratuito, nós temos recursos pra isso, se a gente socializar e quando eu falo de socializar, não é só no processo da divulgação, socializar os custos.

A Martinha falou aqui na questão dos jogos. Eu sou um viciado em jogos na internet. Eu sou capaz de emendar de 6ª até 2ª feira conectado no jogo. Sou capaz de fazer isso e já fiz diversas vezes, sou capaz de receber um telefonema às quatro horas da manhã, levantar às carreiras, pra ir me conectar porque eu participo de um grupo no jogo. O jogo simula uma situação de combate interplanetário. E eu participo, eu faço parte de um grupo que é uma galáxia e eu tenho que defender aquela galáxia. Às vezes o colega lá no Pará, pra vocês terem uma ideia, liga às quatro horas da manhã porque ele está de sentinela, a nossa galáxia vai ser atacada e ela precisa de defesa. Eu levanto, a companheira fica quase louca porque eu faço isso e vou lá me conectar na internet. Entendeu? Sou capaz de fazer isso. E o que é aquele jogo? Como é que ele é mantido?

Ele é um provedor que fez uma coisa dessa. Por que na educação nós não somos capazes de ter isso?

Vou dar outro exemplo. Eu sou viciado em simulação de voo virtual. Eu nunca entrei numa cabine do avião, mas eu voo. E eu troco experiências com pilotos experientes, com oficiais da Força Aérea num fórum mundial. Às vezes quando eu me conecto na IVAL<sup>1</sup>, que é uma das redes que eu participo, tem quinhentas pessoas voando naquele momento, pra eu trocar experiências, então eu estou colocando que esse é um ambiente com muito potencial. Quanto é que custa a gente manter esse provedor tal e qual que no mundo, cada país tem diversos provedores? Às vezes eu faço uma doação de cinco reais. Às vezes. Porque todo mundo é voluntário, e funciona tudo como doação. Então se nessa situação a gente consegue manter uma rede nessas condições, por que a gente não consegue manter a rede com os recursos que nós já temos. Se nós formos somar aqui os recursos sobre os quais nós temos governabilidade, provavelmente considerando as vinte e sete unidades da federação é provável que a gente tenha mais de 100 milhões de reais de governabilidade. E nós não conseguimos manter um provedor nosso? É uma questão de socialização disso.

Uma das questões principais que a gente tem é pensar na socialização dos recursos que nós temos disponíveis e da socialização disso e agora isso só vai se dar na medida que eu reconheça o potencial, o que é possível de se realizar com aquilo.

Vamos um pouco nisso. Pra além de pensar uma internet, nós temos que pensar uma intranet. Nós temos que nos desenvolver internamente e aí nós temos que pensar nas intranets. Hoje a internet é muito importante em tratar as coisas pra fora, mas nós também temos que fazer a interlocução interna, pra dentro, nós temos que pensar pra dentro. Então pensar esse processo, também tem que ser pensado num contexto numa intranet e aí já se fala na internet 2, por que não pensar na 3, na 4, na 5 que são as nets possíveis que a gente tem aí. Então acho que a gente tem que colocar nessa perspectiva em potencial, pensar as intranets.

Ora, através da internet a gente pode fazer as nossas intranets. Por exemplo, eu faço todos os dias, no final da tarde, início da noite, uma tele conferência com as minhas crianças e com a minha companheira que estão em casa, por que eu passo a maior parte do tempo fora. Dos trinta dias do mês provavelmente eu passo 10, 8 dias em casa, num espaço de vinte, às vezes até mais dias ausente e eu todos os dias faço uma conferência

---

<sup>1</sup> Simulador de voo.

lá em casa, usando os instrumentos que estão disponíveis: o MSN, o Skype, o Orkut que também tem agora uma área de debate. Faço isso, converso, vejo imagem, então nós temos que pensar nessa coisa de interação pessoal, uma interação também grupal. Ora todo mundo aqui com certeza deve ter uma lista de contatos no MSN fabulosa, mas quais são os contatos que a gente tem no movimento sindical? Pra falar a verdade eu não tenho nenhum, porque nós não usamos isso como instrumento pra nós. Nem dentro do sindicato eu tenho contatos de MSN e está direto lá aberto o meu MSN e por que a gente não pode ocasionalmente, podemos também usar a imagem, usar o som, podemos fazer no áudio: temos comunicação em tempo real e imediata pra tratar de um monte de questão, mas nós temos que esperar uma reunião, quer dizer, então pensar nessa coisa do potencial que a gente tem de interação pessoal e grupos e entre intergrupos também nisso.

Bom, o potencial que a gente tem no processo de divulgação. Quanto é que custa uma rádio na internet? Nada. Se você já está, se você tem um computador e tem uma conexão com a internet, a rádio não custa nada, porque você tem software livre pra poder por ela no ar.

Não, eu estou falando de software livre. Eu vou chegar pra além disso.

Te vê, ora se a gente for no youtube, ou em outros sites de vídeo, nós temos uma tevê muito mais ativa, com uma produção muito mais diversificada hoje na internet, do que a gente tem nas tevês a cabo. E nós estamos participando disso. Quando eu falo no portal da CNTE, porque nós não podemos ter uma tevê da CNTE que não tenha uma programação diária, mas que possa ter uma programação semanal. Porque que a gente não pode ter uma rádio do SINTEP, que possa ter semanalmente a nossa programação lá, com as notícias, com as mobilizações. Mas a gente quer disputar aquele espaço da rede Globo, quer disputar o espaço que já não é o espaço com maior potencial. Você pega às vezes um vídeo sem grande relevância pra nós, mas deve ter uma grande relevância pra muitos, que tem um milhão de pessoas que assistiu ele na última semana e que nós não dispomos disso, não vemos isso como potencial.

Então, a primeira coisa é isso. Quando eu falo de reconhecer potenciais, nós não conhecemos esses processos aí. Bom pra isso, acho que nós temos que superar paradigmas. A maioria de nós que está aqui, está já dependente de um sistema operacional. Nós temos que repensar inclusive essa questão do sistema operacional, no uso das tecnologias de informação. Usando o Windows nós não daremos conta de fazer o acompanhamento tecnológico, a evolução tecnológica que está colocada aí.

Cada vez mais os programas, o próprio Windows custa mais caro. Nós estamos na pirataria, a grande maioria, marginalizados, mas o dia que a gente tiver uma auditoria nas nossas máquinas, os nossos sindicatos vão pagar de multa mais do que eles teriam no investimento de mudança tecnológica, de paradigmas tecnológicos nesse contexto aí. Vai pra além disso. Nós tínhamos o Windows 98, lançaram o XP, nós tivemos que trocar as máquinas todas, porque as máquinas antigas não rodavam o danado do XP. Estão lançando o Vista agora, não estamos conseguindo acompanhar do ponto de vista do equipamento a evolução disso. E nem o custo desses novos programas, cada vez que sai um novo sistema operacional, nós temos que mudar a nossa base do sistema completamente. Então acho que nós temos que repensar também no ponto de vista da base tecnológica que a gente vai usar do ponto de vista do sistema operacional.

Depois de muito relutar e de muita dúvida, até porque era mais fácil e porque eu já conhecia, estou migrando quase tudo que eu uso pessoalmente pra o Linux, pra um software livre. É uma nova aprendizagem, mas com um potencial muito maior do que aquele que a gente no ambiente Windows, tanto do ponto de autonomia, de liberdade que eu tenho de usar, da diversidade de programas que se interagem de forma muito mais eficiente, como do ponto de vista do próprio equipamento. Quer dizer, hoje se eu pego usando o Linux mais atual, eu posso usar a máquina de dez anos atrás que usava um sistema de dez anos atrás. Se eu pego uma máquina de hoje e lanço ela no Linux, eu vou poder pensar o uso dessa máquina nos próximos dez anos, o mesmo eu não posso fazer se eu estiver usando o sistema Windows. Então nós temos que repensar também dentro disso aí, qual é o sistema operacional, porque já que nós vamos aprender vamos aprender justamente naquilo que a gente tem maior soberania, maior autonomia. Então acho que repensar isso.

Eu acho que eu assisto muito televisão, fico quando eu fico jogando fico até com a televisão ligada do lado, porque às vezes eu passo horas esperando as naves que vem da outra galáxia até a que eu estou e eu ... e às vezes demora e fico pela televisão assistindo. Eu tenho assistido a programação da madrugada, por exemplo, quando a gente pensa aqui na questão da tevê, tem um programa gerado aqui em São Paulo: Tecendo o saber, entendeu? Eu assisto sempre. Tem um outro sendo lançado agora da formação profissional na área de música. Estou louco pra ver porque me interessa muito; do ponto de vista da linguagem, do ponto de vista da tecnologia, ora nós podemos ter os nossos “tecendo os saberes” na internet, produzido e lá armazenado, disponível. Quando se coloca da questão da formação, é de como nós podemos utilizar,

nós temos que casar as linguagens que estão colocadas aí, produzir hoje um programa de tevê; a produção de um programa de tevê não é o mais difícil pra nós, o mais difícil pra nós é a veiculação. Nós temos hoje instrumentos e capacidade de veiculação com potencial muito grande.

Por último eu queria dizer pra vocês o seguinte: eu tenho esperança na formação a distância, aliás, toda a minha formação profissional foi feita a distância. Eu fui primeiro no nível médio, no magistério aluno do Logus. E a minha formação de nível superior foi feita num curso a distância mantido pela Universidade Federal de Mato Grosso e não acredito que formação a distância seja uma formação de “segunda” como muitos querem qualificar e depende muito de quem coordena, depende muito de quem está está no processo, de qual é a motivação que a gente tem lá. Até porque não me considero um graduado de “segunda” nesse processo e tenho certeza que não sou, pelas possibilidades que eu tenho de debate, de discussão, de inserção nisso e vejo até com muito preconceito a discussão da formação a distância, porque alguns imaginam que ela é um aligeiramento do processo de construção do conhecimento. Ele é um processo que exige muita disciplina, exige muita leitura, exige muita dedicação e isso não ocorre se a gente não tiver a motivação e essa motivação não é feita pela máquina. Essa motivação é feita nas interações humanas que a gente tem cotidianamente: quem coordena, quem é tutor, quem partilha com a gente, é essencial essa motivação. Não podemos pensar que todo esse potencial que nós temos de comunicação virtual, que é real, nós vamos pensar que ela não acontece, porque ela é, se realiza, embora o ambiente não seja o tête-à-tête, ela não substitui as necessidades que a gente tem de interação humana.

Desses grupos, por exemplo, que eu partilho com eles lá e tenho o maior carinho com eles nesse grupo, um dos momentos que nos aproximou mais foi a possibilidade que nós já tivemos de nos encontrarmos. Como eu viajo às vezes pro Pará, às vezes pra Brasília, sempre que vou eu aviso e mantenho um contato pessoal com essas pessoas com quem eu partilho foto, partilho o jogo lá e como cresce a nossa amizade, como cresce o nosso respeito, como cresce o nosso compromisso, então nós não podemos abdicar dessa relação pessoal, mesmo que seja ocasional, pra que a gente possa aprofundar a ternura, o carinho que a gente tem pelos outros e partilhar isso no ambiente da internet ou no ambiente das tecnologias de informação e comunicação.

Então eu colocaria pra finalizar, que o primeiro desafio hoje é da gente reconhecer o potencial e pra gente reconhecer esse potencial nós vamos ter que lançar mão daqueles que já dominam esse potencial no sentido de socializar isso conosco pra

que a gente possa fazer as nossas escolhas e dentro dessas escolhas talvez o óbvio seja o pior. E aí uma situação mesmo de enfrentar hoje os softwares livres é uma grande aventura. Eu estou dizendo que eu tenho dois prazeres com o Linux, um de me livrar do maldito do Windows e o segundo o desafio de me colocar, de aprender de novo, de fazer, acumular novos conhecimentos, novas estratégias pra poder usar a máquina. Estou me divertindo às pampas, me divirto usando-o, me divirto com o quebra-cabeças que ele coloca pra mim cotidianamente.

É isso. Não sei se isso contribui muito, mas eu vim aqui com esse intuito de colocar mais desafios pra gente que é pra gente poder se superar. Obrigado.

Então, obrigado à mesa. Brilhantes as participações, as exposições. Agora é o momento da gente debater um pouco, já são 12:15 h, acho que uns trinta minutos de debate a gente suporta o almoço uns quinze minutos além do tempo. É um momento de inscrição, proponho que a gente esgote a nossa reflexão, pelo menos nesse momento em três minutos. Claro que ela não se esgota, então está aberto à fala.

É, bom dia a todos e todas. Meu nome é Vânia, sou do SINTEP-MT. Interessante as colocações da mesa e eu fico indignada às vezes, quando por exemplo, até mesmo lá no nosso sindicato, umas duas semanas atrás com um companheiro, quando a gente colocou a questão do software livre e eu coloquei que era importante nós trabalharmos isto e ele falava que não, que ninguém sabia mexer. Ainda coloquei que o Linux, por exemplo, aceita arquivos do Windows, e coisa que o Windows não aceita arquivo do próprio Windows. Às vezes nós sentimos essa resistência dentro até mesmo com os companheiros do sindicato. E essa coisa da interação que o Júlio também aponta que nós todos temos um MSN e se a gente buscar realmente na lista a gente não tem os companheiros do sindicato, a gente tem às vezes essa resistência dos companheiros nisto. Uma funcionária do sindicato fez uma página no Orkut, comunidade: Orgulho de ser Sintep. E os primeiros que entraram nessa página foram alunos, foram 5 alunos e daí começou os professores. É só colocar que... A Marta colocou a questão da resistência, o medo da gente mexer, ah, mas eu vou abrir uma página no orkut, pra que? Ah, eu vou ter um MSN, é aquela coisa de ficar muito vulgar. E não é isto, gente. É a mesma questão da interação.

Bom dia a todos e a todas. Meu nome é Ana Maria, sou do Piauí. Aí eu quero dizer mais uma vez de uma experiência que a gente tentou fazer do Piauí. Acho que o Gilmar pensa até que nós terminamos. É que foi um curso de formação sindical a distância e infelizmente nós não concluímos, mas eu estou dizendo isso não é pra dizer que não dá certo. É pra dizer que a gente já sente essa necessidade, que nós temos que levar isso à frente, nós não podemos recuar dessa posição. Eu acho até que é por conta das pessoas que nós matriculamos pra esse curso, nós não tivemos uma preparação adequada para com eles, dos reais objetivos, porque que era importante, teria essa importância estar dialogando assim. Nós não concluímos, nós chegamos até mais da metade, não concluímos o curso e vamos terminar esse curso esse ano de forma presencial, porque nós temos esse princípio que eu acho que não dá pra começar as coisas e parar no meio da estrada, se é uma coisa que traz resultados positivos. Então eu acho que nós temos que avançar nesse processo de construção desse novo e velho mecanismo, que a professora Juçara disse muito bem, que em nenhum momento teremos o intuito de substituir ele por outro tipo de formação que a gente já utiliza e utiliza muito bem e que traz resultados positivos. Então era essa minha fala.

Bom dia companheiros e companheiras. Sou Elizaik do Tocantins. Na verdade desde a fala do Leão, só reiterar, ratificando o que eles disseram. Nós temos alguns desafios; acho que o primeiro deles é a questão mesmo do município que tem internet, o município que pega celular. Hoje o nosso estado, não só porque é o mais novo, um dos mais novos, mas nós temos algo em torno de 30% dos municípios que ainda não tem internet. Mesmo assim, o SINTET tem experimentado algumas coisas bem interessantes. A gente criou, nós temos dez regionais e as regionais estão trabalhando agora, algumas delas já estão um pouco mais avançadas com os blogs que criam os links dentro do site do SINTET e cria o blog regional que eu estou trabalhando mais com os municípios. Aquela dificuldade que a gente tem com os municípios. O sindicato é de base estadual, municípios e as duas redes, então a nossa dificuldade é chegar até o município. Algumas das regionais estão trabalhando isso através dos blogs, trabalhando mais exclusivamente com o município que está na sua regional. Outra coisa que a gente está aproveitando, é esse sistema das redes de relacionamento, criamos comunidade lá “Sintet 20 anos” no Sonico, no Orkut, no Hi5, onde tem espaço, estamos criando e divulgando e mandando recados, junta as pessoas e algumas delas, é claro, sempre propagando o nome do site. Nós tivemos um crescimento, nos últimos meses, muito

significativo de interação, pelo site na parte do SINTET. Eu gostei muito do tema quando eu recebi o documento: “A internet e os sindicatos educadores”, mas eu acho que nós vamos ter que fazer outras discussões mais nessa linha da conclusão da fala do Júlio, a questão do sistema. E eu penso, eu confesso pra vocês, eu não tenho paciência pra trabalhar com o Linux, eu já tive uma especialização em tecnologia educacional mas ainda não fui conquistado pelo software livre. Muito trabalhoso e como a gente está lidando com essa coisa da economia do tempo, o tempo todo, aí como a gente não sabe lidar com o sistema, acaba deixando e voltando pro velho, pra velha Microsoft. A gente precisa fazer uma discussão mais ampla nessa linha, na questão do sistema, dos softwares, como é que nós vamos fazer esse trabalho. Nossos dirigentes, especialmente o Gilmar falava no final de sua fala sobre a educação, a dificuldade na formação com o pessoal que está no sindicato há mais tempo. Se falar de política como um todo já é complicado, quando o tema é internet aí é que não tem paciência mesmo: já com essas coisas aí, porque querem nos excluir, etc e tal. A gente precisava realmente aprofundar o debate.

Eu queria parabenizar porque o tema é interessante e muito importante pro momento que a gente está vivendo, com certeza.

Gostaria que levantasse a mão quem vai falar por favor. Então vamos fechar as inscrições, sim? Eu só quero fechar. Porque senão o tempo aqui esgota.

Leônia, vamos lá.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. Nove pessoas. Se a gente ficar no tempo de dois minutos, acho que a gente vai legal!

Bom dia companheiros e companheiras. É bem rapidinho. Eu penso que há resistência. Agora se nós identificamos que a resistência principalmente pra pessoas de certa geração, como as crianças e os jovens são muito mais facilmente conquistados pela tecnologia, então a gente tem que também pensar em como quebrar essa resistência. Eu acho que a criação, de oportunidades, de cursos pra que possam conquistar, instrumentalizar os dirigentes, sobretudo como já falaram aqui, os dirigentes mais antigos. Eu queria dizer pra vocês que em Pernambuco, eu sou Rita, sou de Pernambuco. Lá em Pernambuco, o governador lançou um programa “Professor Conectado”. Esse programa foi tão divulgado lá no estado, que acho que também a nível nacional. Cada professor da rede, de sala de aula ou não, ele recebeu um notebook,

então de graça. Não descontou no salário dos trabalhadores. Então porque que eu to dizendo isso aqui, porque casa a intencionalidade da proposta da CNTE exatamente com as nossas condições. E o que eu penso? Penso que a gente precisa agora é saber aproveitar essa realidade e nessa disputa fazê-la da melhor forma possível, a nosso favor, a favor da nossa luta. E também dizer que o SINTEP, nós do sindicato, ele também vem nessa ... preocupado nessa questão da comunicação da formação. As nossas regionais, as treze regionais, se eu não me engano, apenas uma ainda não está informatizada e agora a gente também está informatizando os municípios. Para além da melhora da comunicação, eu penso que aí a formação tá tendo, tá propiciando com essa nova realidade, as oportunidades pra isso eu penso que a gente, que quebrar essa resistência, com as oportunidades, com as condições pra que a gente possa operacionalizar a nosso favor, é isso.

Bom dia a todos e a todas. Eu acredito que isso aí é um desafio. Da mesma forma que através desse curso, desse programa de formação, a gente tem quebrado a resistência dos antigos dirigentes, nós vamos também quebrar essa resistência tanto nossa, com relação aos meios de comunicação, esse mundo novo, que não é mais tão novo, então a gente vai poder também quebrar essa nossa resistência usando esse instrumento ao nosso favor. Você veja que nós lá da Paraíba, tínhamos muita dificuldade em organizar a educação sistematizada, mas só que hoje, nós já quebramos tanto essa resistência, apesar que nós estamos só trabalhando uma turma na formação, mas hoje conseguimos quebrar essa resistência com relação aos antigos, que ainda tem uma resistência, mas não tanto como antes. A prova está aqui no nosso jornalzinho. Antes, nem sequer a divulgação no nosso jornal; então pra que não divulgava, isso aí é como se fosse uma coisa banal. Então hoje nós já temos a divulgação no próprio jornal. Como aqui, você veja que é uma matéria que ocupa uma folha toda, da mesma forma, também eu vejo a possibilidade de nós agarrarmos esse meio e quebrarmos essa resistência até nossa quando a gente via como uma coisa vulgar esse tipo de literatura. Como no caso, vamos criar um Orkut, mas a gente ia ter vergonha de dizer para os nossos colegas, como se fosse coisa de adolescente: Leônia, formadora, tá aí com coisa de adolescente! E hoje isso aí, vem quebrar também isso. Como também eu tive uma experiência espetacular, num curso que eu fiz pelo MEC que é “Educação, africanidade e Brasil” e isso aí nós temos uma responsabilidade muito grande e até força a gente poder aprofundar o conhecimento científico, porque quando a gente vai se expor

naqueles fóruns a gente não quer colocar coisas do senso comum. Então a gente vai buscar o conhecimento científico, eu acho espetacular porque dá mais responsabilidade, vai contribuir muito na formação. Muito obrigada.

Boa tarde a todos e a todas. Queria falar ao Julio também claro, dos outros que estiveram à mesa e que, estão sobre a questão do Linux. Como colocar isso na discussão da pauta da própria sociedade, porque se imaginarmos quanto de dispêndio tem o governo, o Estado, a União do Estado Brasileiro, como o pagamento de...pra utilização desse software, o Windows, como ele falou até do velho e maldito Windows. E a gente tem uma resistência muito grande, que até o companheiro falou da utilização.

Eu acho que é a questão de uma nova cultura. Eu acho que a gente tem que começar a incorporar essa cultura da outra novidade, que tem um componente político muito grande. O Linux é uma questão política, é uma questão ideológica a utilização do Linux. Até porque também a forma da apropriação da sociedade desse instrumento que ela pode utilizar de forma livre, não tem nada a ver com pirataria. Pirataria, tem até aquela discussão, da pirataria ou não, dessa impossibilidade que a gente tem de pagar tão caro por um software, como é, da utilização de um software, sendo que você nem compra o software, você compra uma licença para utilizá-lo e depois ela vence e aquele software não vale mais nada. É, o que o XP daqui a alguns dias não vale mais nada, não vai estar mais atualizado, você não pode adicionar novos componentes a ele. Então eu acho muito interessante, eu acho que a gente tem que começar a pensar também da utilização do Linux, nos próprios sindicatos e também da pauta de que o estado brasileiro comece a fazer um programa mais voltado pra isso e a disseminação dessa informação. E também, concluindo aqui e pegando carona no que falou a companheira Rita, do programa professor conectado lá em Pernambuco, tá faltando a conexão porque, porque recebemos o notebook, agora não temos a conexão. Claro, eu tenho minha conexão particular, eu que estou pagando o provedor, provedor não, pra ter o acesso, mas o estado também pra fazer a conexão, tem que vir com outro instrumento, disponibilizar essa possibilidade, porque só o notebook, por si só não é conexão, é apenas uma máquina, né. Obrigado.

Bom dia a todos, a todas. O nosso sindicato, a AFUSI, é específico de funcionários. Só pra um dado Rita, no Estado de São Paulo, nós estamos tendo um embate com o governo exatamente, por conta de que ele pro professor, pro magistério,

ele vendeu o notebook, ele não deu, mais caro que no mercado. Então tava até no mês passado em R\$ 1.625,00 o notebook e já é um embate grande porque o funcionário de escola gostaria de ter direito e apenas o secretário de escola é que foi inserido. Nós, na questão da formação, nós tiramos quando o Gilmar falou da questão mesmo de ... dos sindicatos terem como fundamental peça a formação, nós tiramos algumas datas durante esse ano e nós estamos operacionalizando a questão da formação no sindicato. Nós diversificamos, nós estamos inclusive com a data do dia 27 de março em que vai ter um ato público em São Paulo contra o governo do Estado. Nós já tínhamos tirado essa data como dispensa de ponto e inclusive como atividade da formação e o nosso sindicato, a base garantiu que nesse dia a gente vai estar fazendo o curso de formação pra base. Então nós tínhamos o embate com os outros sindicatos, nós vamos participar nas duas frentes. Quem não for fazer o curso vai pra rua, então nós estamos mantendo a questão da data da formação. Isso é importantíssimo porque nós não abrimos mão da questão da formação. Então nós estamos colocando também a questão da formação com outras datas, outros eventos, multiplicando, investindo em aplicadores, investindo em multiplicadores pra chegar mais rápido à base, inclusive numa questão mesmo do financeiro. Pra nós é muito mais fácil a gente estar investindo nos multiplicadores, nos aplicadores, multiplicadores, pra gente chegar na base mais rápido e ter um retorno financeiro muito melhor. Obrigado.

Antonio Junior, APEOC, Ceará. Conforme já foi amplamente aqui difundido, a internet pode nos ajudar muito, pode otimizar muito o trabalho de formação sindical. Pode trazer economia, já que o que já foi colocado inclusive pelo presidente, é que formação é cara, mas internet pode economizar esse processo de formação sindical, mas o grande entrave inicial é o computador. O governo federal se prontificou achando que talvez fosse uma grande dádiva oferecer notebook a R\$ 1.000,00, financiado, mas isso ficou apenas no papel. Então que bom que tem iniciativas como ocorreu em Pernambuco, mas lamentavelmente, muitos, muitos professores, a grande maioria e servidores da educação não tem como adquirir computador e tendo computador, também o outro grande entrave é a questão do acesso à internet, que a internet ainda é muito cara. Então, nós precisamos pra que venhamos ter um trabalho de formação sindical utilizando essa ferramenta tão poderosa como é a internet precisamos ainda resolver esse problema de computador e de acessibilidade.

Professor Amarildo, Mato Grosso do Sul FETEMIS. A importância de estar discutindo o software aí, nos nossos encontros, inclusive nos nossos estados e municípios porque nós temos que ser coerentes, nós defendemos uma educação pública de qualidade, a utilização da saúde pública que melhore, e porque nós vamos estar alimentando pagar software proprietário pros capitalistas. Acho que nós temos que ser coerentes e apesar da dificuldade começar a defender isso na nossas entidades e até dentro das escolas. Mas o mais importante além do software é aproveitar essas ferramentas e começar a colocar as nossas discussões nesses sites que nós temos aí nas nossas entidades. Eu tenho uma preocupação grande em nosso estado porque a gente vai analisar alguns estatutos de trabalhadores e a gente viu que uns estão bem, outros estão lá embaixo e nós não temos ainda no nosso site os estatutos dos nossos e PCCS's (Plano de cargos, Carreiras e Salários) dos nossos trabalhadores disponível para que os colegas comecem a comparar os estatutos de ter isso. Até dentro da própria CNTE eu não vi ainda estatuto dos estados e dentro dos nossos municípios – nós temos 78 municípios – não temos isto, então nós temos a ferramenta e nós não estamos sabendo ainda aproveitar desse momento. Nós fizemos um levantamento de salários dos professores do Mato Grosso do Sul, colocamos no jornal, na internet, no nosso site, o desespero que deu em alguns prefeitos, porque o salário dele estava lá em último e aquele prefeito que estavam em primeiro começou a complicar também, que ele é o melhor prefeito porque o salário tava. Então são coisas que acontecem em nosso dia-a-dia e que nós não conseguimos juntar num local só para que os nossos colegas possam estar aproveitando aí e fazendo o debate do seu próprio município. Então além do software o mais importante é juntar essas ideias num local só. Obrigado.

Bom dia de novo, Pedro, SINTEGO, Goiás. Eu vejo a preocupação de nós, educadores, estarmos conectados. Tendo condições ou não de estar adquirindo o equipamento pra se conectar: se o governo vai nos dar, se nós vamos ter que comprar. Eu até eu associao, não sei se é muito longe, também: nós temos o meio de comunicação muito amigo, que é de nossa época, que é o rádio e televisão. O governo nos deu pra gente estar comunicando, pra estar tendo também uma fonte de recurso pra estar levando pra o nosso trabalho e colocando esse desconectado nós estamos desconectados do mais eficaz meio de comunicação que é a internet. Já foi colocado também como nos organizar pra que possamos nos inteirar até de dentro do nosso próprio sindicato que é às vezes não tem nem condição de imprimir, às vezes não vem nem impresso como eu

disse aqui não tem nem como estar comunicando. Veja essa preocupação e o compromisso que a gente tem que estar acompanhando. Querendo ou não, nós temos esse compromisso de estar fazendo com que nós temos que inserir no processo de comunicação, um meio de educadores fora o desconectado do maior meio de comunicação. Nós vamos daqui a alguns anos, uns tempos se não conectar nós vamos estar distanciando até lá na sala de aula dos nossos próprios alunos.

Bom dia senhores e senhoras. Eu sou José Santos Cruz, SINPROESEMMA, Maranhão. Eu acredito nos cursos a distância, até porque já fiz alguns cursos tanto pelo MEC, inclusive aquele de gestão pra conselheiros, fiz aquele curso que por sinal foi muito bom os .... Desde que tem SENAC, SENAI aí também que apresentaram esses cursos, já fiz cursos também nessa área que não tem nada a ver com o magistério. De qualquer forma eu fico com o que falou o companheiro lá. Eu acho que depende muito de quem tá fazendo o curso, do interesse de quem está fazendo o curso, de quem está na outra ponta pra orientar essa questão, né. No Maranhão, eu vejo pequenos problemas, por exemplo: a pequena, não, grande de certo modo porque nós temos regiões no Maranhão que nem celular pega. É a região da baixada, saiu de Pinheiro pra frente, não temos mais celular, aí isso é complicado. Regiões bem mais longe com 700 km de distância lá nós temos a internet, tem celular tem tudo, mas desceu pra baixada, uma boa parte nós não temos celular e conseqüentemente a internet já viu como é a complicação. No entanto, uma boa parte do Maranhão, eu acho que nós podemos utilizar essa metodologia. Hoje nós estamos reequipando as delegacias, principalmente com a questão da...boa parte já tem internet, com seus computadores, estamos interligados, a comunicação ela corre rápida. Isso é muito bom, no entanto nós temos alguns locais que ainda não conseguimos equipar, o que não vai ser tão difícil pra nós fazermos a partir da, nós estamos com a nova diretoria no SIMPRESEMMA, deve estar assumindo a partir do dia 14 e já estão traçando um plano de não só colocar a internet nas delegacias, assim como viabilizar esses cursos de formação, que é a razão de nós estarmos trazendo já hoje aqui o nosso companheiro aqui que também da Secretaria de Formação, exatamente pra nós ajudarmos nisso que é na gestão anterior fiquei sozinho na formação e ficou complicado. E o único problema que eu vejo aí, eu queria fazer uma pergunta pro meu amigo ali, que eu já estava esquecendo aqui. É o Linux que você falou tanto, eu comprei um computador e vinha com esse programa e eu não podia abrir mais do que dois programas, 3 programas e quando eu queria sair pra abrir mais uma

porta lá, aí puft, não podia. Fui lá e tive que mandar tirar e troquei pelo Windows porque não sei trabalhar com aquela coisa e no município de São Luís, todos os municípios das prefeituras tem uns cursos de inclusão digital e todos os programas são esse programa Linux e você tem que ver o desespero dos orientadores: lá transformaram esse programa apenas numa máquina de datilografia, porque não tem o que fazer.

Antônio da Secretaria de Formação do SIMPRO-DF. O tema o que é mais interessante quando você discute a questão da internet do ponto de vista pra romper e trazer na base da categoria realmente a questão da formação. Hoje o SIMPRO-DF investe maciçamente na formação da sua base, nós estamos tendo aí um processo com o curso com as escolas do Centro-Oeste filial da CUT e isso tem tido resultados.

Ontem mesmo tivemos um ato, onde tivemos doze mil professores presentes nesse ato na nossa campanha salarial do DF, uma grande mobilização, reflexo do nosso processo. E a gente enxerga a internet hoje como segundo momento, de você ter as duas ações andando simultaneamente, a ação presencial e a ação também a distância com o uso da internet. Porque não dá mais pra gente imaginar, ainda mais nos últimos dez anos, não só no DF, acho que ... ouvindo aqui os companheiros e companheiras do Brasil inteiro, a nossa categoria, o magistério público, teve uma renovação imensa e muitas vezes esses novos companheiros não passaram por um partido político, não passaram por um grêmio, por uma formação qualquer e essa formação é de responsabilidade sim dos sindicatos. Pra você realmente ter um resgate, pra você imaginar como é que você reflete a luta dos trabalhadores em educação pra você buscar realmente, isso só através da formação, não há outro mecanismo e aí a gente percebe que a internet não é mais lateral, ela é frente agora. Pra você poder resgatar e estar buscando os dois momentos. Eu acho que tem que ter a formação presencial e também a pós, a continuação, à medida que você vai desenvolvendo a participação da internet. E isso lá no Distrito Federal a gente tem tentado construir, nós não chegamos ainda lá no DF na questão de todos os professores ter acesso, ter seu notebook, como alguns estados aqui. Tem algumas experiências, as pessoas estão comprando por conta própria porque o governo lançou uma proposta como o companheiro levantou aqui de São Paulo, é mais caro do que você comprar realmente no mercado e o computador não é no uso com a tecnologia do momento, então a gente acredita muito e esse seminário está numa linha muito correta de discutir a questão da formação e a importância da internet nessa questão.

Boa tarde novamente a todas e a todos. Érica, SINTER, Roraima. Bem eu gostaria de reforçar alguns pontos que foram trabalhados aqui, dizer que eu fui contemplada em algumas falas e considerar o seguinte, a internet ela é urgente necessária. Nós devemos procurar usá-la da melhor forma possível, com certeza pra ampliar a organização e a nossa prática sindical. No entanto, eu gostaria que nós tivéssemos condições, enquanto entidades sindicais de ampliar e criar as condições necessárias pra que todos os lugares, todos os municípios inclusive os mais distantes que não tem acesso à internet, muito menos ao celular, que nós conseguíssemos levar as condições pra levar informação presencial pra esses lugares. Eu entendo que o que seria ideal, seria que essa formação a distância não substituísse mesmo a formação presencial, que ela fosse utilizada como mais uma das ferramentas, mais um dos instrumentos. Realmente o capital se utiliza muito bem de todas essas tecnologias, no entanto nós temos um diferencial em relação ao que o capital ele quer e necessita; ele não quer a transformação, então ele se utiliza pra fortalecer o que já existe, no entanto a nossa luta e a nossa organização deve ser muito mais sólida, porque nós estamos nos dispondo a construir o que parece impossível, que é justamente a transformação e é uma luta muito complicada. Eu achei muito interessante alguns pontos que a professora Juçara falou sobre a formação: reforçando que a internet é urgente e necessária e tudo aquilo que o colega falou ali, é muito importante que todos os sindicatos se apropriem pra utilizar os meios mais modernos a fim de ampliar. E em termos da formação, voltando à fala da professora Juçara, ela disse o seguinte: a formação sindical e política ela é teórica e prática, tem uma característica de ser permanente e conjuntural, abrange sujeitos com experiências diferentes em tempos e momentos diferentes e o processo é cumulativo. Então tudo isso exige muita solidez, inclusive no campo da fundação teórica. Nós temos no estado de Roraima uma realidade que talvez não seja tão diferente dos outros estados, mas de pessoas que chegam até nós com uma fragilidade teórica muito grande e eu acredito que a formação presencial ainda é a melhor forma que nós tentarmos atingir essas pessoas da melhor forma possível. Então era isso que eu gostaria de dizer. Obrigada.

Gostaria inicialmente de cumprimentar o Gumercindo, que eu acho que foi da questão da CPP (Centro do Professorado Paulista), quando tinha a formação e me lembro do projeto Teresa Noronha, que pegava a região sul: Rio Grande do Sul, Santa

Catarina e Paraná. E eu sou um dos grandes defensores aqui, eu sou do tempo ainda que tinha formação do partido, formação no sindicato e formação inclusive na CUT, que hoje de certa forma a gente está resgatando e isso é importante. Também saudar que na verdade o Gumerindo acho que está também está adiante, aquilo ali está ela vai nos brindar com essa questão. Dizer também que nós, os nossos núcleos, a maioria já estão informatizados e a gente está observando que a nossa categoria, por exemplo, no Rio Grande do Sul, ela está nesse momento começando a despertar pra internet, começando a despertar, ainda tem um certo medo, um certo receio, inclusive dos dirigentes intermediários, os diretores dentro do e dizer que também que não é somente nos outros estados, que a gente não pode ter comunicação, por exemplo, eu estive numa cidade que a Juçara nasceu lá. Lá o celular não pega, a região de Lagoa Vermelha e dizer que também eu acho que é fundamental a questão da internet, mas como foi colocado aqui, sem esquecer a questão do presencial e a discussão universitária, tanto é que o capital usa disso e nós temos no Rio Grande do Sul que os empresários, lá nós temos o projeto deles lá, que é o Agenda 2020 que é transformar o estado mínimo lá 2020, onde eles trazem os melhores elaboradores pra passar a questão teórica mas também depois claro que eles vão disseminar isso através da internet. E dizer também que é importante nesse momento, acho que o curso vem aí, quero dizer também que a gente não conseguiu fazer o segundo eixo, lá no Rio Grande do Sul, nós vamos prometer fazer até porque, eu colocava isso pro Gilmar; a gente está sendo cobrado, por aqueles que fizeram, que foi tão bom o primeiro eixo que estão cobrando, que a própria categoria está cobrando fazer. Intensificar isso aqui e dizer também que eu quero chegar quando crescer chegar ao nível do Júlio, mas antes disso eu quero, eu vou tentar viajar no universo da categoria e depois da classe trabalhadora pra depois procurar outras galáxias e quero chegar então ao ponto que ele está. Obrigado.

É pessoal, é só alguns relatos que eu lembrei aqui nos nossos cochichos. Edmilson da assessoria de formação da APP do Paraná. É a ITAIPU nacional, não sei se vocês sabem, mas ela opera hoje na base de software livre. Toda a operação da Itaipu ela é com base no software livre, acho que isso demonstra pra gente um pouco do potencial que tem quando um governo quer, faz.

Aí a gente também lembrou que o Paraná, por exemplo, hoje opera na base de software livre, aliás ele já produz software para outros governos estaduais, pra poder compartilhar. Uma memória da história da internet, ela foi criada pelas universidades e

é uma rede de comunicação, mas ela foi apropriada pelos Estados Unidos pela defesa dos Estados Unidos e a principal estratégia qual que foi? Foi a de descentralizar o seu sistema, ou seja, você quando ataca a rede, você consegue destruir um ponto, mas não vai conseguir destruir a rede e aí eu acho que se a gente der conta dessa estratégia, da importância que tem a rede ela pode ser fundamental pra gente. E por último dizer assim, às vezes a gente fala da internet, a gente cria um monstro, mas o companheiro Júlio falou a outra palavrinha pra gente não é a internet, mas a intranet, porque aí é o nosso lugar e a nossa estratégia de comunicação e por último assim pra gente distensionar essa história do celular. Minha namorada mora no interior do estado e lá também não pega celular e a internet deles é via rádio e pra minha surpresa é melhor que a minha internet via cabo na capital do estado, em Curitiba, no sentido de comunicação e de banda. Então alternativas a gente tem várias por aí.

Boa tarde. Meu nome é Marcelo, eu sou do SINPEEM-SP. Eu me senti muito contemplado na fala da companheira de Roraima, mas eu gostaria de complementar só o seguinte: às vezes pegando a fala da Juçara, a internet gente, a conclusão de todos ela é uma realidade. Nós estamos discutindo a apropriação, se nós não nos apropriarmos, quem já é dinossauro, como alguns de nós, entra em extinção. Quem tá mais novinho, tem o domínio da técnica, mas talvez não tenha o conhecimento, isso é uma questão de compartilhar. Agora eu queria pensar assim, algumas discussões nossas tem que ser constantes e a internet é um mecanismo pra isso. Uma discussão que pairou aqui e que foi a questão da formação, eu não vejo como a questão da formação a distância ou da formação presencial. A questão central aqui é da formação. Quando você faz uma formação séria com os professores da federal do Mato Grosso, é uma coisa, mas quando você aqui em São Paulo, tem esse mar, quem forma aqui o professor hoje é a rede privada, como colocou a colega. E essa rede privada tem por objetivo o lucro, agora um perdão, uma observação, eu acho que a nossa lei pela forma como as instituições privadas estão aproveitando<sup>2</sup> dela, ainda é frouxa, ainda permite muitas coisas. A formação presencial ou não, ela não é boa. Tem professor recebendo nas universidades por serviço prestado, vocês vão achar que eu estou desviando um pouco do assunto, mas não é. Eu to querendo dizer que tem se discutir de fato é a formação do professor e esse é um dos temas que a internet tem que trazer. Eu queria dizer assim, eu acho que não é a

---

<sup>2</sup> Aproveitando ou apropriando

questão de evolução, porque evolução pra nós é um pouco brutal acho que o Julio não é chegar no nível, é conseguir rejuvenescer como ele rejuvenesceu, porque assim quando você fala de educar o outro, você tem que entender o outro, embora ele esteja com a barba e os cabelos brancos ele mostrou que está jovem o bastante pra entender o jovem que nós educamos. Porque? Porque o jovem que nós educamos vira a noite pra jogar, ele domina a máquina e nós temos que dominar esse instrumento. Mas dominar esse instrumento pra que? Nós temos que dominar esse instrumento dentro da nossa ideologia e nós temos que discutir questões como a da formação. Eu defendo ainda a formação presencial. Porque? Porque a motivação da maior parte das empresas de educação é o lucro, e essas empresas oferecem um serviço ruim mesmo quando é presencial e elas em São Paulo, por exemplo, elas são responsáveis pela formação ou deformação da maior parte dos professores. Obrigado.

Então, o rapaz ele já está gravando. Ele precisa só de 20 segundos e nós vamos inverter aqui. Nós vamos começar aqui com o Júlio.